

PODEMOS FALAR DE GEOGRAFIAS "PÓS-COLONIAIS" NA FRANÇA A PROPÓSITO DA GEOGRAFIA DOS CHAMADOS PAÍSES DO SUL?*

DO FRENCH POSTCOLONIAL GEOGRAPHIES CONCERNING SOUTHERN COUNTRIES EXIST?

 Catherine Fournet-Guerin ^A

^A Universidade Sorbonne, Paris, França.

Recebido em: 16/08/2023 | 21/11/2023 **DOI:** 10.12957/tamoios.2024.78558

Correspondência para: Catherine Fournet-Guerin(catherine.fournet-guerin@sorbonne-universite.fr)

Resumo

Este texto é dedicado a uma análise do lugar das abordagens pós-coloniais na geografia francesa desde a década de 1990 até o período atual (final da década de 2010). Nele são identificados os pesquisadores em causa, em cujos trabalhos o lugar destas abordagens é limitado. No entanto, a abordagem pós-colonial, fundada na recusa de um olhar dominante e na denúncia de formas de injustiças nos países não ocidentais, é de fato muito difusa. A questão social está no centro de muitas obras. Além disso, a consideração de abordagens culturais e urbanas na geografia para esses espaços ditos do Sul enriquece muito os temas e abordagens de pesquisa.

Palavras-chave: Estudos pós-coloniais; Geografia cultural e social; Países do Sul; Dominação; Desigualdades.

Abstract

This paper is devoted to an analysis of the importance of postcolonial approaches in the French geography from the 1990' to the 2010'. The main researchers are identified. In their research this role is limited. Meanwhile, the postcolonial approach based on the rejection of a dominating outlook and on the denouncing of injustices in non-Western countries is widely spread. The social issue is at the heart of many research. Moreover the way cultural issues are taken into account in geography about these so-called Southern countries highly enriches the themes and research approaches.

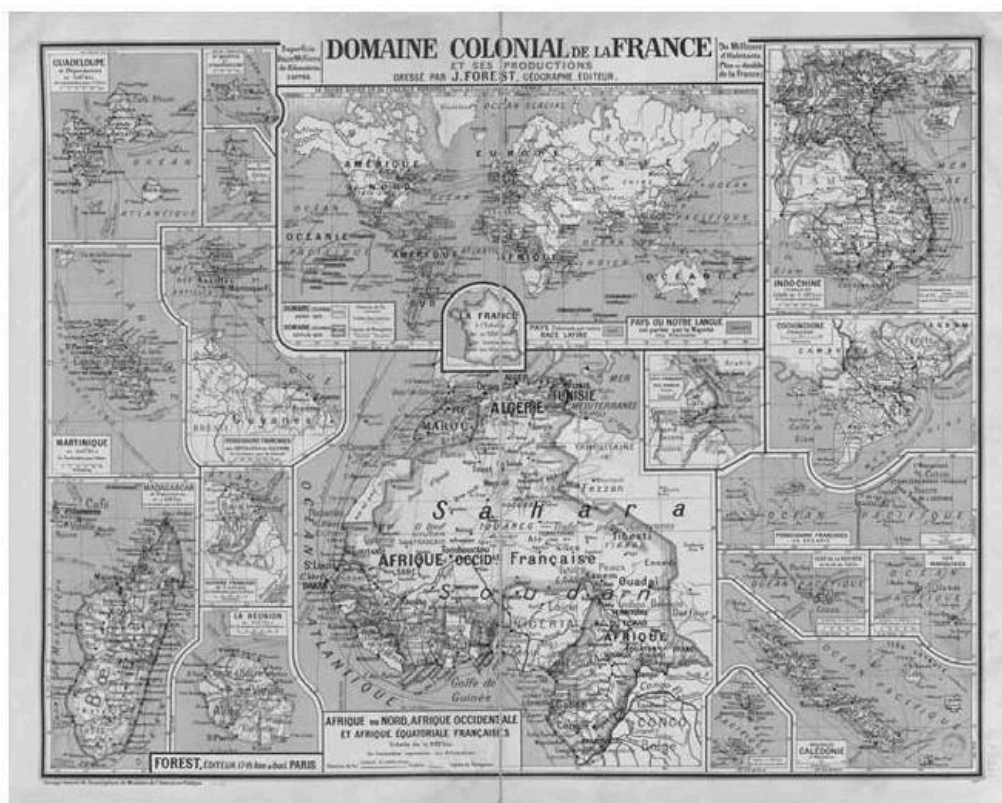
Keywords: Postcolonial Studies; Cultural and Social Geography; Southern Countries; Domination; Inequalities.





O termo pós-colonial é recente nos escritos científicos franceses e vem diretamente do inglês. Pode designar ao mesmo tempo um período, no sentido literal de "após a descolonização", que caracteriza esquematicamente uma parte importante do mundo não-ocidental após a Segunda Guerra Mundial, à qual se acrescenta a América Latina, que anteriormente experimentou os mesmos processos (caso em que se escreve pós-colonial). No entanto, doravante o significado mais comum é entendido como "além do fenômeno colonial", como uma rejeição e um desejo de superar este período marcado pela dominação ocidental em muitos campos — econômico, político e cultural — sobre uma grande parte do mundo¹.

A partir do conjunto das referências consultadas, quatro elementos principais foram identificados e são aqui propostos para que os pesquisadores possam reivindicar estudos pós-coloniais. Em primeiro lugar, trata-se de adotar uma posição que consiste em denunciar todas as formas de dominação, sejam raciais, étnicas, sexuais etc., posição atualmente muitas vezes chamada de "crítica"². Transposta para a escala do estudo das relações entre regiões do mundo, esta poderia, portanto, se assemelhar a uma geografia social dos países do Sul, entendidos como o conjunto dos países que estiveram sob domínio político europeu em um momento ou outro e que hoje se caracterizam por uma alta prevalência da pobreza ou por consideráveis desigualdades sociais (Fleury e Houssay-Holzschuch, 2012). Adotar uma posição pós-colonial é, então, interessar-se não apenas pelas dificuldades vividas por esses territórios e nos meios de superá-las, mas também direcionar o olhar do pesquisador para todas as dimensões da vida social, como, por exemplo, a vida cotidiana. A ideia é que o estudo dos espaços e sociedades de territórios anteriormente colonizados não se limite às questões de desenvolvimento.



O domínio colonial da França e suas produções: um mapa elaborado pelo geógrafo e editor Joseph Forest em 1930 (Crédito BNF)

A geografia pós-colonial se diferencia, portanto, da geografia do desenvolvimento (ver Robinson, 2006). Isso leva a um terceiro axioma: os pesquisadores que estudam sociedades não-ocidentais se recusarão a aplicar modelos forjados em casos do Norte e usá-los para medir um pretenso "atraso" do Sul, considerando que estas são sociedades ou espaços que têm o mesmo valor, que não há hierarquia nem caminho linear da história e, portanto, que eles não estão atrasados em relação aos primeiros (Chakrabarty, 2009; Salão, 2007). Assim, os estudos pós-coloniais abordam temas ou campos como modernidade, arte contemporânea, sociabilidade, imaginários, temporalidades, espacialidades cotidianas, para transpô-los para as sociedades de outros países que não apenas os ricos e "avançados". Finalmente, os defensores da abordagem pós-colonial rejeitam a representação dicotômica do mundo em dois grupos, "Norte" e "Sul" em particular, considerando que o mundo inteiro é atravessado pelas mesmas dinâmicas, com variações locais.

Como essas abordagens, originalmente emanadas de grupos de pesquisadores indianos (incluindo Arjun Appadurai, cuja publicação em 1996 de *Modernity at large* exerceu uma



forte influência) e depois americanos (Smouts, 2007), teriam se disseminado no seio da geografia na França? A questão é importante, pois a geografia foi nos tempos coloniais a auxiliar do poder para estabelecer a dominação francesa em territórios distantes, assim como muitos geógrafos como Yves Lacoste muito cedo desenvolveram uma posição muito crítica em relação a esse empreendimento colonial e denunciaram seus abusos, bem como seus próprios postulados (Bayart, 2010).

Este texto examinará o lugar das abordagens pós-coloniais nos trabalhos de geógrafos formados na França e interessados em territórios anteriormente colonizados. Excluiremos do tema a análise pós-colonial sobre pessoas de ex-colônias na França desenvolvida sobretudo pelo geógrafo Yves Lacoste (2010), de uma forma que muitas vezes é muito contestada; assim como também não mencionaremos as abordagens pós-coloniais que consistem em desconstruir na França metropolitana os efeitos do sistema colonial (violência, segregação, estigmatização étnico-racial de pessoas de antigos países colonizados, etc.), estudadas por Claire Hancock, por exemplo.³ Depois de examinar a relativa discricionariedade da referência aos estudos pós-coloniais entre os geógrafos interessados em seus objetos e suas abordagens, será mostrado que novos espaços, novos objetos de estudo e novos métodos se difundiram na geografia francesa, marcando de fato uma importante mudança científica. Isso acabará por levar a considerar se é ou não relevante falar de uma virada pós-colonial na geografia francesa em relação aos chamados países do Sul.

UM LUGAR DISCRETO DO TERMO PÓS-COLONIAL NA GEOGRAFIA FRANCESA, PELO MENOS NA APARÊNCIA

Pouco uso explícito do termo "pós-colonial" em títulos de pesquisa

Enquanto o campo pós-colonial foi estruturado a partir da década de 1980, primeiro em inglês, sua entrada nos estudos na França e na geografia em particular foi mais tarde. Em 2007, Béatrice Collignon, que defendeu uma tese sobre as espacialidades dos Inuit, escreveu um artigo de síntese considerado o primeiro na geografia, sendo datada de 2006 a entrada do termo pós-colonial no campo geográfico francês (Collignon, 2007). Em 2001, Claire Hancock apresentou a geografia pós-colonial, mas no domínio anglófono, sinal de que o campo não existia, por assim dizer, na França (Hancock, 2001).



Para considerar o lugar da referência explícita ao campo pós-colonial, foi consultado o catálogo de teses defendidas e em preparo na França desde 2000 (www.theses.fr).⁴ O resultado fala por si: ao pedir as palavras-chave "geografia" e "pós-colonial", apenas três teses, de um total de 67, incluem a palavra no título, mas a maioria é de fato selecionada apenas por causa da presença de uma referência bibliográfica. Emmanuelle Peyvel defendeu em 2009 sua tese dedicada ao turismo no Vietnã sem usar esse termo no título, enquanto o livro que resultou da tese publicado alguns anos depois o inclui, um sinal de uma evolução de sua jornada intelectual, com forte adesão aos estudos pós-coloniais (2009 e 2016).

Em seguida, foram consultadas as teses defendidas nos principais laboratórios de pesquisa em geografia cujos eixos de pesquisa são especificamente dedicados a países anteriormente colonizados. Por exemplo, no laboratório parisiense Prodig, das dezesseis teses defendidas desde 2014, nenhuma inclui uma abordagem pós-colonial, sendo a perspectiva centrada na abordagem desenvolvimentista⁵. Para o laboratório voltado para a América Latina, o IHEAL, o resultado também é claro: das 201 teses defendidas entre 2000 e 2016, nenhuma inclui o termo "pós-colonial" no título⁶, nem nenhuma das 77 em andamento no dia da consulta em 2018 (<http://www.iheal.univ-paris3.fr>). No Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine - IHEAL não trabalham apenas geógrafos, mas pesquisadores representantes de várias ciências humanas e sociais (história, antropologia, notadamente sociologia), um sinal de que a relativa discricionariedade da referência aos estudos pós-coloniais na França não se limita à geografia. O mesmo acontece na CESSMA, antiga SEDET: neste laboratório, também multidisciplinar, desde 2005 (data a partir da qual as teses defendidas e a HDR são referenciadas online), nenhuma inclui o termo (exceto uma na história, mas numa perspectiva claramente cronológica).

Ao consultar as palavras-chave "geografia" e "pós-colonial", desta vez no Sudoc (catálogo de bibliotecas universitárias de língua francesa), apenas 34 referências aparecem (e outras 17 se adicionarmos um "e" ao pós-colonial), das quais 22 estão em inglês, cinco se relacionam com a França, duas são teses em outras disciplinas e apenas duas dizem respeito a espaços anteriormente colonizados, neste caso, Abidjan. O resultado é, portanto, escasso.

Por fim, ao percorrer as 240 referências da "seleção bibliográfica" de Jean-François Bayart (2010), nenhuma é em geografia, embora se trate de um ensaio que pretende percorrer os estudos pós-coloniais na França, mesmo que apenas para criticá-los.



Estas pesquisas bibliográficas exploratórias⁷ levam à seguinte constatação: na geografia francesa, poucos pesquisadores apresentam o termo "pós-colonial". Quem são então esses precursores, ou esses transmissores das ideias?

Alguns transmissores e precursores, que conhecemos, ainda que nem todos utilizem o termo

Na geografia francesa, alguns pesquisadores introduziram e disseminaram o termo pós-colonial, contribuindo para provocar a reflexão no seio da disciplina e a dar visibilidade a trabalhos que antes não reivindicavam essa "obediência". Trata-se de pesquisadores pertencentes à mesma geração, nascidos nas décadas de 1960 ou 1970 e, em sua maioria, pertencentes ao campo da geografia cultural. Foi por meio dessas abordagens que chegaram a ler obras anglófonas (Saïd, 1978; Hall, 2007; Chakrabarty, 2000; Bhabha, 2004, etc.) e encontram o termo pós-colonial. Para muitos, e para os estudantes que mais tarde formaram, esta dimensão cultural deve ser lida e interpretada num sentido eminentemente político, isto é, de protesto e "crítico" (cf. infra, 3.1.). A inscrição de seus trabalhos no campo pós-colonial permitiria conceituar essa evolução da geografia cultural em direção a uma geografia igualmente política. Trata-se, entre outros, de Béatrice Collignon, Philippe Gervais-Lambony, Claire Hancock, Myriam Houssay-Holzschuch, Jérôme Monnet, Jean-François Staszak⁸.

Para alguns deles, a participação de Paul Claval (nascido em 1932), que desenvolveu a geografia cultural na França dentro da Universidade Paris IV-Sorbonne nos anos de 1970 a 1990, criou a revista e a coleção científica *Géographie et Cultures* em a editora francesa Harmattan, especializada sobre países que foram colonizados, fez muito para divulgar o trabalho da geografia humanista na França, e dirigiu muitos trabalhos neste campo, pode ser considerado decisivo, mesmo que os caminhos científicos possam ter sido divergentes mais tarde. Assim, a coletânea coletiva de textos, *Etnogeografias*, publicada em 1995, focada em levar em conta as práticas locais no modo de designar o espaço em particular, inclui em sua conclusão escrita por Paul Claval premissas que dizem respeito diretamente ao nosso propósito: "devemos sair da lógica impessoal e objetiva da abordagem científica habitual e explorar o universo mental dos homens" (Claval, 1995, p. 366). No entanto, o assunto não vai além e não se afirma que os geógrafos não pudessem mais pensar na alteridade apenas pelo prisma da dominação.



Assim, a reivindicação de praticar uma geografia cultural sem dúvida contribuiu por muito tempo para tornar o uso do termo pós-colonial inútil para muitos pesquisadores. A maioria dos estudantes que concluíram uma tese sob a supervisão de uma das pessoas acima mencionadas — ou outras, como Jean-Pierre Raison, Joël Bonnemaïson ou Jean-Louis Chaléard — de fato adotaram uma abordagem pós-colonial, mas sem reivindicá-la ou, na maioria das vezes, sem usar o termo⁹.

Um avanço recente e limitado do termo pós-colonial na geografia francesa

Na virada dos anos 2000-2010, os geógrafos franceses começaram a usar o termo pós-colonial explicitamente. Hipotetiza-se aqui que isso é em parte um efeito contextual, ou mesmo uma escolha estratégica para capturar a atenção internacional através da indexação de palavras-chave e sua tradução sistemática para o inglês em todas as bases de dados de referência, agora eletrônicas e on-line. Entre os dois exemplos mais significativos estão os trabalhos de Emmanuelle Peyvel (2016) e Kamala Marius (2016). São duas mulheres, uma das quais está interessada em questões de gênero na Índia. K. Marius faz parte de um campo de pesquisa que combina o estudo de diferentes formas de dominação, neste caso colonial, sexual e econômica¹⁰.

Contudo, muito poucos pesquisadores usaram o termo pós-colonial, enquanto numerosos entre eles de *fato* se enquadram nesse campo científico. Fabrice Ripoll (2006) se expressa em forma de piada: "Não se pode ser pós-colonial, especialmente quando se é geógrafo?". Assim, muitas teses defendidas na década de 2010 estão bem relacionadas à abordagem pós-colonial (denúncia de diferentes formas de dominação, espaços e sociedades não ocidentais consideradas comuns, sem condescendência,...): a de Delon Madavan estudando as minorias tâmeis em metrópoles do Sul e Sudeste Asiático (2013), a de Marcel Olivier sobre o mercado de arte em Nairóbi (2014), a de Judicaëlle Dietrich sobre a pobreza em Jacarta (2015), a de Nashidil Rouaï sobre as representações cinematográficas de Hong Kong (2015) e a de Marie Bonte sobre espaços de festa em Beirute (2017). Se essas novas gerações de pesquisadores (em sua maioria nascidos nas décadas de 1980 e 1990) não necessariamente apresentam o termo pós-colonial, elas praticam essa geografia e contribuem poderosamente, como seus predecessores, para a renovação da geografia que abrange territórios fora dos países ricos.



OS GEÓGRAFOS ASSUMEM O ESTUDO DE NOVOS ESPAÇOS E NOVOS TEMAS, CARACTERÍSTICOS DA ABORDAGEM PÓS-COLONIAL

Em escala global, a saída do "quintal colonial"

Durante décadas, os estudos sobre países ex-colonizados foram marcados na França pela importância dos laços coloniais, mesmo que apenas em termos de locais de estudo. A África anteriormente sob domínio francês é, portanto, super-representada, assim como os países da península da Indochina, o Vietnã em particular. Ao contrário, poucos estudos se concentraram nos países de língua inglesa ou portuguesa da África, bem como nas ex-colônias britânicas da Ásia. O caso da América Latina deve ser considerado diferente, especialmente por causa da idade mais antiga da independência, no início do século XIX. Assim, até a década de 1990, pode-se considerar que a geografia conhecida inicialmente como tropical, depois do Terceiro Mundo, finalmente do desenvolvimento, estava confinada principalmente — mas não exclusivamente, é claro — aos territórios do antigo império colonial francês.

Desde então, devido em parte à mudança geopolítica global representada pelo fim do bloco comunista e, conseqüentemente, de um número de regimes políticos, novos países atraíram a atenção dos geógrafos. O caso mais marcante é o da África do Sul, onde os estudos se multiplicaram desde o final do sistema político do apartheid. O país é considerado um caso de livro didático por causa da extrema visibilidade das desigualdades, tanto que passa a incorporar uma forma tipo-ideal de lugar de dominação de todos os tipos. Desde a década de 1990, também, os países tornaram-se mais ricos e experimentaram uma diversificação de sua estratificação social. Esses chamados países emergentes, por sua vez, atraem, como evidenciado pelo aumento de teses realizadas por estudantes matriculados na França, Índia, China, Brasil ou em países onde a população é majoritariamente pobre ou em situação precária, mas está presa nesse movimento de melhoria generalizada das condições de vida, como a Indonésia (Dietrich, 2015) ou Vietnã (Peyvel, 2009)¹¹. As localizações dos centros do IRD, anteriormente ORSTOM, são uma boa ilustração desse alargamento ao mundo inteiro e dessa mudança de paradigma, mesmo que os territórios anteriormente sob domínio francês permaneçam muito numerosos. O mesmo se aplica aos institutos de pesquisa franceses



localizados fora da zona de influência colonial (status do UMIFRE, unidades mistas de institutos de pesquisa no exterior¹²), como o IFRA em Nairóbi ou o IRASEC em Bangcoc, que abriram aos jovens pesquisadores que os frequentam a literatura científica de língua inglesa.



Centros IRD em todo o mundo

Observa-se igualmente uma tendência a realizar pesquisas em vários locais em uma óptica comparativa. Esses lugares estão frequentemente localizados um no antigo império francês e o outro não (por exemplo, a tese de David Goeury, 2011, sobre áreas turísticas na Índia e no Marrocos), ou em um país pobre e em um país rico (por exemplo, Virginie Baby-Collin, 2014, que em sua tese de habilitação compara a situação dos migrantes bolivianos na Argentina, nos Estados Unidos e na Espanha).

Assim, doravante para a maioria dos geógrafos, a noção de área cultural tem pouco significado; contando mais as circulações entre territórios, os fenômenos de crioulização, hibridização e não mais o de identidade ou vínculo perene entre os homens e os lugares (Fournet-Guérin, 2017). Autores de origem indiana ou crioula, como Homi Bhabha (2004) ou Edouard Glissant (1997), exerceram forte influência sobre esses geógrafos. Christine Chivallon (2004) atuou como um canal na França para este trabalho sobre as Antilhas.

Os Micro-espços, novos espaços de estudo

Onde quer que suas pesquisas ocorram, no antigo império colonial ou em qualquer outro lugar, os geógrafos formados na França multiplicam suas abordagens, transpondo para esses espaços as metodologias específicas da geografia social e cultural, significando, além



disso, o abandono de uma clivagem ideológica entre esses dois campos, devido à consideração da dimensão política na expressão dos fenômenos culturais (Chivallon, 2003 e Di Méo, 2008). De agora em diante, em países anteriormente sob dominação colonial, os geógrafos franceses se interessam por espaços domésticos (todos os trabalhos sobre modos de viver na cidade se concentram neles), praias e as questões de coabitação nesse espaço (Brisson, 2019), novos territórios da arte (Guinard, 2014; Marcel, 2014), representações artísticas do espaço (Staszak, 2003), mas também lugares de violência e confinamento (Morelle, 2013): essa lista, que poderia ser ampliada, ilustra em que medida todos os assuntos da geografia social e cultural são hoje tratados por pesquisadores interessados em espaços antes considerados marginais a esse respeito, devido ao peso dos estudos dedicados às questões da pobreza e do desenvolvimento¹³. De forma mais ampla, muitos geógrafos que realizaram estudos em uma cidade, por exemplo, abordaram a vida urbana, a moradia na cidade, interessando-se por todos esses temas, através da vida cotidiana. Trata-se, então, de uma geografia sensível, de experiência, de representações, que quer ser fenomenológica e baseada nos habitantes, a quem é dada a palavra. Muitos pesquisadores se encontram nessa abordagem: Bernard Calas, Elisabeth Dorier, Philippe Gervais-Lambony, Laurent Faret, Frédéric Landy, eu mesma... Para eles, "dar voz" é entendido como uma escolha política, assim como o estudo da vida cotidiana é considerado um dos principais meios de acesso à dimensão política. Afirmar que a vida cotidiana é política é um elemento central de grande parte das pesquisas mencionadas acima.

Espaços não estudados, negligenciados pela abordagem pós-colonial

No entanto, longe de abranger todas as áreas potencialmente em causa, a geografia pós-colonial francesa deixa de fora uma série de espaços. Alguns são negligenciados por razões de dificuldade de acesso ao local, mas outros abandonos são interessantes de interpretar. Este é, em primeiro lugar, o caso das zonas rurais, cujo estudo está em declínio desde a década de 1990. É certo que o chamado Sul Global está se urbanizando rapidamente, o que legitima os pesquisadores a estudar esses mundos urbanos emergentes e em rápida mudança. Mas por que esse súbito abandono das áreas rurais? Frédéric Landy e Sophie Moreau questionam esse estado de coisas, parodiando a noção de "direito à cidade" e desejando promover um "direito ao campo" (ver edição de *Justice spatiale/Spatial Justice*,



2015), lembrando assim a força dos antagonismos sociais no campo e toda uma tradição terceiro-mundista de movimentos de emancipação que partiram do mundo rural, sendo em seguida retransmitidos por pesquisadores de países ricos. Parece que o estudo das áreas rurais é hoje abordado principalmente pelo prisma do turismo (Goeury, 2011; Le Bigot, 2017). As décadas seguintes permitirão verificar se a tendência se mantém ou se inverte, o que somos levados a acreditar, com a renovação de teses dedicadas ao mundo rural na década de 2010 (por exemplo, Leblond, 2017, em Moçambique). O fenômeno surgido nos anos 2000 do investimento estrangeiro em terras agrícolas em países pobres também contribuiu para um renovado interesse em formas de dominação econômica em mundos rurais pobres e dominados (Brondeau, 2010).

De maneira igualmente surpreendente, e além disso eminentemente paradoxal, os espaços de trabalho são o parente pobre dos estudos pós-coloniais: para aqueles que querem compreender os processos de dominação, isso é surpreendente. Com raras exceções (por exemplo, Blanchard, 2016 e Lanne, 2018), os geógrafos deixaram esse campo para sociólogos e antropólogos (ver, por exemplo, o trabalho de Judith Hayem sobre trabalhadores na África do Sul e de Dominique Vidal, 2007, no Brasil). Se os espaços de sociabilidade mantêm toda a sua atenção, como cenas privilegiadas de observação de relações desiguais e tensões sociais, então deveria ser o mesmo para os espaços de trabalho.



Cena de praia em Maputo (Moçambique). Espaço de trabalho para vendedores de comidas e bebidas, espaço de lazer para moradores, piscina e passeios aos domingos (Crédito Fournet-Guérin, 2011).

A ampliação dos objetos de estudo: em todos os azimutes

Na "nebulosa" dos geógrafos pós-coloniais, admitidos ou não admitidos, segundo a fórmula de Pascal Clerc (2012), há uma multiplicidade de interesses que sinalizam uma ampliação dos temas de estudo dos países ricos para o resto do mundo. Os investigadores de língua inglesa falam do *Southern Turn*, uma fórmula bastante intraduzível, que expressa - entre outras coisas - a ideia de que é a vez dos países do Sul serem objeto de estudos precisos e de que é possível, e até desejável, utilizando todos os meios possíveis para melhor compreender os seus espaços e sociedades. No que diz respeito ao estudo das cidades nos países do Sul, por exemplo, o livro de Jennifer Robinson, publicado em 2006 sob o título de



“*Ordinary Cities*”, desempenhou um papel importante, quase libertador, para as geografias francesas envolvidas. Essa corrente reivindica integrar os espaços do Sul nos debates teóricos gerais, dos quais quase sempre eram excluídos. Isso lhes deu legitimidade e visibilidade significativas.

Nessa perspectiva, desde a década de 1990, e ainda mais desde 2000, os trabalhos publicados em geografia desde a França mostram extrema diversificação. A consideração das temporalidades no estudo dos espaços se espalha para os países do Sul: Philippe Gervais-Lambony estuda as formas espaciais da nostalgia, enquanto Marie Bonte, em uma tese defendida em 2017, aborda uma Beirute noturna através de suas práticas festivas. Catherine Fournet-Guérin e Sandra Mallet propuseram uma geografia política dos tempos urbanos que se interessa por todos os espaços urbanos, do Norte ou do Sul, com ênfase nos ritmos dos cidadãos e das cidades ou nas práticas e representações da noite (Fournet-Guérin e Mallet, 2016; Oloukoï e Guinard, 2016). A curiosidade dos geógrafos agora os leva a práticas e representações do corpo no espaço (Brisson, 2015); a das mulheres e ao gênero (Marius, 2016). A consideração desta questão é flagrante: em qualquer tese agora, o autor dedica uma parte mais ou menos importante do estudo ao lugar das mulheres em particular, o que revela fenômenos ricos, aos quais os pesquisadores e pesquisadoras de gerações anteriores não teriam necessariamente prestado atenção.



Afresco de Street Art feito em um bairro de Antananarivo (Madagascar). A emergência de uma geografia da arte no Sul (Crédito Fournet Guérin 2016).



QUAIS SÃO AS PARTICULARIDADES DA GEOGRAFIA PÓS-COLONIAL EM COMPARAÇÃO COM UMA GEOGRAFIA SOCIAL E CULTURAL DOS PAÍSES DO SUL?

Uma breve sociologia dos geógrafos pós-coloniais

A difusão das preocupações pós-coloniais pode primeiro ser interpretada à luz de uma sociologia dos geógrafos. O grupo foi primeiramente fortemente feminizado¹⁴. Abriu-se então — embora de forma muito limitada, mas ainda assim significativa — a pessoas que vêm de grupos minoritários ou dos países do Sul, diretamente ou através de sua história familiar, especialmente para jovens pesquisadores de mundos diaspóricos. É provável que essa tendência aumente nas próximas décadas. Ao contrário, devido às condições socioeconômicas e educacionais locais desfavoráveis, muito poucos geógrafos são de origem africana. Mais precisamente, muito poucos geógrafos de origem africana se encaixam em temas e abordagens pós-coloniais, a maioria escolhendo assuntos relacionados ao desenvolvimento de seu país de origem — particularmente em planejamento urbano ou rural — ou a questões de geografia física ou ambiental¹⁵.

Todos eles tiveram uma formação universitária durante a qual as estadias de formação no exterior se tornaram comuns, o que contribuiu para ampliar seus horizontes. Da mesma forma, o domínio de uma língua estrangeira, muitas vezes o inglês, permite-lhes aceder aos trabalhos em língua inglesa, ao contrário de algumas gerações anteriores, muitas vezes incapacitadas nesta área. Essas línguas também podem ser românicas, árabes ou mesmo mandarim, cujo estudo está progredindo. Cada vez mais numerosos são os que frequentam um curso de línguas no Instituto de Línguas orientais, em suaíli, khmer ou outra.

Todos são sensíveis à alteridade, compartilham posições ideológicas marcadas por uma forte atenção às desigualdades sociais e aos fenômenos de injustiça. De fato, para os pesquisadores que reivindicam um posicionamento pós-colonial, a dimensão política é central e o uso do termo não é apenas uma escolha exclusivamente científica. É uma forma de compromisso explícito através de seus trabalhos, orientados em uma perspectiva "crítica" ou "radical", que consiste em denunciar tudo o que é considerado injusto e que parte de formas de dominação, sejam elas quais forem. Há questões em torno do gênero (apoiadas por geografias feministas), raça e dominação imperialista do Ocidente. Muitos gravitaram em torno do grupo fundado nos anos 2000 que propunha à geografia a noção de "justiça



espacial". O uso desta última, bem como o do "direito à cidade" provavelmente contribuiu para não recorrer ao rótulo de "pós-colonial": muitos são de fato os participantes desse movimento.

No final, o que aconteceu com a preocupação social?

O risco das abordagens pós-coloniais, tal como foram mencionadas, é fazer uma ruptura com a forma como as pessoas vivem diariamente nos chamados países do Sul, em outras palavras, subestimar ou mesmo negligenciar a questão social. Uma abordagem excessivamente cultural poderia levar a negar os fenômenos de pobreza e dominação, sejam eles quais forem, e a propor uma representação científica etérea da vida nesses espaços.

Estudiosos indianos, especialmente historiadores, promoveram estudos *subalternos* para evitar essa armadilha, mesmo que as fronteiras não sejam claramente marcadas com os estudos *pós-coloniais*. Trata-se de concentrar os estudos nas chamadas pessoas invisíveis, dominadas nos fatos, mas também nas representações, como as empregadas domésticas, por exemplo. Este campo também não foi retomado na França, devido ao fato de que há muito tempo existe uma corrente muito crítica nas ciências sociais que denuncia injustiças e desigualdades sociais. Na década de 2010, assistimos entre alguns geógrafos a um retorno das considerações sociais, numa abordagem que consiste em levar em conta todas as formas de dominação. É o caso de Judicaëlle Dietrich, que se interessa pela "geografia da pobreza em Jacarta" (2015) e, ao fazê-lo, se inscreve plenamente numa posição que denuncia processos desigualitários e, em particular, resultantes da neoliberalização. Claire Brisson (2019) propõe uma "geografia da exclusão" nas praias do Rio de Janeiro, desconstruindo assim uma grande ideia recebida, a de um lugar de encontro, diversidade social e tolerância racial. Como já foi dito, pesquisadores que participaram desde os anos 2000 de trabalhos de grupos sobre justiça espacial, depois sobre o direito à cidade no Sul, podem ser adicionados a essa lista, que não pode ser exaustiva dentro do quadro restrito deste texto.

Cada vez mais pesquisadores são também sensíveis aos paralelos marcantes entre as evoluções nos países do Sul e nos países do Norte (Marie Morelle, Elisabeth Dorier, Sébastien Jacquot, por exemplo). Os primeiros têm sido, de fato, palco de experiências com processos neoliberais na gestão urbana ou nos assuntos públicos, e alguns acreditam que estes laboratórios, tal como as colônias do passado, servirão de apoio à disseminação destas formas



de gerir o espaço e a sociedade nos países ricos (por exemplo, com a utilização do financiamento privado de infraestruturas públicas). Denunciar essas evoluções ligadas ao capitalismo global contribui para um renovado interesse pelas questões econômicas e sociais do Sul. Para muitos pesquisadores, é importante prestar atenção ao que está acontecendo "longe". O exemplo do empobrecimento da Grécia, que foi colocada sob a tutela das instituições financeiras internacionais, mostrou isso vigorosamente: enquanto o termo "plano de ajuste estrutural" era pouco conhecido por especialistas em geografia do desenvolvimento, para caracterizar os cortes orçamentários impostos aos países africanos e sul-americanos superendividados a partir da década de 1980, e tendo levado a um acentuado retrocesso social, particularmente nos campos sanitário e da educação, a década de 2010 mostrou que isso poderia acontecer a um país da União Europeia. Esse tipo de convergência parece dar razão aos que recusam uma categorização do mundo em dois grupos, os países ricos e os outros.

CONCLUSÃO

Apesar de seu inegável interesse heurístico, o termo pós-colonial, usado para caracterizar um campo de pesquisa e métodos relativos aos fenômenos de dominação que emanam do mundo ocidental, permanece relativamente pouco difundido na geografia francófona. Dois geógrafos especialistas em geografia cultural e epistemologia expressam-no da seguinte forma, formulando "questões sobre o lugar crítico ocupado pela geografia cultural, marginalizado dentro da disciplina institucional e, entretanto, portador precoce de orientações que poderiam ter seguido uma geografia pós-colonial no sentido epistemológico do termo" (Louiset e Retaillé, 2010). Um outro termo, originário da América Latina (ver a colocação de Capucine Boidin, 2009), espalhou-se na década de 2010 como sinônimo próximo ou concorrente, o de "decolonial", sinal da instabilidade das denominações e da dificuldade epistemológica em fixar essas abordagens. Se os geógrafos não estão no centro dos debates, eles participam e, ao fazê-lo, contribuem de forma estimulante para renovar as reflexões em torno da "geografia do desenvolvimento".

NOTAS

* Este artigo foi originalmente publicado em francês. A tradução foi autorizada pelo editor.



FOURNET-GUERIN C., « Peut-on parler de géographies « postcoloniales » en France à propos de la géographie des pays dits du Sud ? », *Histoire de la recherche contemporaine* [En ligne], Tome IX - n°1 | 2020, mis en ligne le 15 décembre 2020, consulté le 08 janvier 2021. URL: <http://journals.openedition.org/hrc/4303>; DOI: <https://doi.org/10.4000/hrc.4303>

A presente tradução foi realizada por Mariane Biteti e Eduardo Karol, revisada por Heloisa Coe e pela autora.

1 – Para uma definição sintética e esclarecedora, ver o artigo de Claire Hancock, 2003; para obter mais informações, consulte Sharp, 2009.

2 – Ver Cécile Gintrac, « Le foisonnement récent de la géographie critique en France », *Histoire de la recherche contemporaine* [En ligne], Tome IX - n°1 | 2020, mis en ligne le 15 décembre 2020, consulté le 08 août 2023. URL: <http://journals.openedition.org/hrc/4122>; DOI: <https://doi.org/10.4000/hrc.4122>.

3 – Essa escolha é explicada pela magnitude do assunto, impossível de apreender apenas no contexto deste artigo. A escolha editorial consistia em focar nas geografias dos chamados países do Sul.

4 – Este dossiê lista as teses elaboradas e defendidas desde 2000 até o dia da consulta.

5 – A mesma pesquisa seria realizada para o laboratório de Bordeaux, "Les Afriques dans le monde", mas estas informações não estão disponíveis no site.

6 – O mesmo se aplica ao termo "decolonial", de origem sul-americana.

7 - Este artigo não reivindica nada: nem exaustividade nem rigor metodológico. As informações consultadas são as que foram trazidas ao meu conhecimento até esta data. A metodologia baseia-se, portanto, em leituras e reflexões a partir delas. Trata-se do "ajuste" de informações díspares, uma metodologia teorizada e muitas vezes implementada em ciências sociais (ver Meunier *et al.*, 2013). Uma visão geral sobre este assunto não se enquadra no formato muito restrito de um artigo científico. Este deve ser entendido como um trabalho em andamento, o qual eu ficaria muito feliz se fosse retomado, continuado e aprofundado e, claro, discutido cientificamente. Modestamente, deve ser considerada como uma síntese sobre o assunto, realizada por uma pessoa obviamente bem "localizada" no campo científico (no sentido foucaultiano do termo) e parte interessada de uma pergunta.

8 – Como parte da elaboração deste artigo, não foi possível ler o trabalho de habilitação para supervisão de pesquisas, cujos registros foram apoiados por esses precursores. Há aí uma fonte importante a ser analisada para confirmar, flexionar ou refutar as hipóteses e conclusões propostas neste texto. De fato, dada a natureza política do termo pós-colonial, pode ser muito mais fácil para uma pessoa no cargo, bem estabelecida na carreira de pesquisador, reivindicá-lo, do que para um futuro médico, daí o interesse de estudar esses arquivos.

9 – Isto é, por exemplo, o caso de Marie Bridonneau, Chloé Buire, Bernard Calas, Karine Ginistia, Sophie Moreau, Marie Morelle, Amandine Spire, Jeanne Vivet.

10 – Fala-se de abordagem interseccional para caracterizar esses estudos que atravessam as diferentes formas de dominação, que se baseiam nos trabalhos fundadores de Michel Foucault. Este ponto não pode ser explorado em detalhes no breve contexto deste artigo (mas leia o texto de Claire Hancock na mesma edição), mas uma síntese epistemológica deve ser conduzida sobre o desenvolvimento dessa abordagem crítica na geografia, o que pode muito bem ajudar a explicar a fraqueza do uso do termo pós-colonial.

11 – Para mais informações, seria oportuno elaborar um mapa do mundo dos Estados escolhidos como locais de pesquisa em geografia, por exemplo, em teses. Jean-Pierre Raison tinha estabelecido um marco nesse sentido, em um texto de 1997, *Les thèses sur l’Afrique tropicale : fleuron de la géographie française ou domaine en crise larvée ?* in Knafou Rémi (dir.), *L’état de la géographie. Autoscopie d’une science*, Paris, Belin, p. 196-206.

12 – Das 27 UMIFRE reconhecidas pelo Ministério das Relações Exteriores, 20 estão localizadas na América Latina, na África ou na Ásia fora dos países da OCDE. Veja o mapa na seguinte URL: <http://www.umifre.fr/ifre>.

13 – No entanto, é importante não ir na direção oposta, que consiste em contraponto em minimizar esses assuntos, ou mesmo negá-los: a questão social continua sendo crucial para os países pobres. Mas a abordagem pós-colonial consiste em lembrar que a vida das pessoas não se limita a isso, que há uma capacidade de agir, fazer escolhas e formular preferências próprias aos atores, mesmo em situação de pobreza.

14 – A título de ilustração, pode-se estimar, de acordo com os primeiros nomes, que as mulheres representam cerca de 50% dos 126 habilitados para as funções de mestre de conferências pela CNU em 2018. Muito diferente



é a situação dos supervisores de tese, que são muito mais velhos por definição: dos 160 nomes listados (casos de dupla ou mesmo tripla, supervisão), 39 são mulheres, ou cerca de 25%. Fonte: <http://cnu23.pbworks.com/w/page/123434211/Qualifications%202018%20MCF>.

15 – Liliane Zossou denuncia este estado de coisas (2007).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BABY-COLLIN, Virginie. *Prendre place ici et là-bas : géographie multisituée des migrations boliviennes (Argentine, Etats-Unis, Espagne)*, dossier d’habilitation à diriger des recherches en géographie, 2014.

BAYART, Jean-François. *Les études postcoloniales. Un carnaval académique*, Paris, Karthala, 2010.

BHABHA, Homi. *The location of culture*, London, New York, Routledge, 2004.

LE BIGOT, Brenda. *Penser les rapports aux lieux dans les mobilités privilégiées : étude croisée des backpackers en Thaïlande et des hivernants au Maroc*, Université Paris I-Panthéon Sorbonne, 2017.

BLANCHARD, Sophie. «Migrations féminines et transformations de l’emploi domestique dans la Bolivie d’Evo Morales », *Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM* n°31, [en ligne]. 2016.

BOIDIN, Capucine. « Études décoloniales et postcoloniales dans les débats français », *Cahiers des Amériques latines*, n° 62, p. 129-140, 2009

BONTE, Marie. *Beyrouth, états de fête. Géographie des loisirs nocturnes dans une ville post-conflit*, thèse de doctorat en géographie, Université de Grenoble-Alpes, 2017.

BRISSON, Claire. « *Taking a line for a walk* », *Géographie et cultures*, n° 93-94, p. 303-323, 2015.

BRISSON, Claire. *La couleur de la plage. Géographies de l’exclusion socio-raciale sur les sables de Rio de Janeiro*, thèse de doctorat en géographie, Sorbonne Université, 2019.

BRONDEAU, Florence. « Les investisseurs étrangers à l’assaut des terres agricoles africaines », *EchoGéo* [en ligne], 14 | 2010, mis en ligne le 16 décembre 2010,. URL : <http://journals.openedition.org/echogeo/12008>; consulté le 01 septembre 2018.

CHAKARBARTY, Dipesh. *Provincialiser l’Europe*, Paris, édition Amsterdam [traduction française de 2000, *Provincializing Europe. Postcolonial Thoughts and Historical Difference*, Princeton, Princeton University Press], 2009.

CHIVALLON, Christine. « Une vision de la géographie sociale et culturelle en France », *Annales de Géographie*, Vol 634, p. 646-652, 2003.

CHIVALLON, Christine. *La diaspora noire des Amériques. Expériences et théories à partir de la Caraïbe*, Paris, CNRS, 2004.



- CLAVAL, Paul. Singaravelou (dir.), *Ethnogéographies*, Paris, L'Harmattan, 1995.
- CLERC, Pascal. « Qu'est-ce que la géographie postcoloniale ? », in *Géographies. Epistémologie et histoire des savoirs sur l'espace*, SEDES, p. 115-118, 2012.
- COLLIGNON, Béatrice « Note sur les fondements des *postcolonial studies* », *EchoGéo* [En ligne], 1 | 2007, mis en ligne le 06 mars 2008,. URL : <http://journals.openedition.org/echogeo/2089> ; consulté le 25 juin 2018.
- DIETRICH, Judicaëlle. *Une géographie de la pauvreté à Jakarta. Espaces de la pauvreté et places des pauvres dans une métropole contemporaine*, thèse de doctorat, Université Paris-Sorbonne, 2015.
- DIETRICH, Judicaëlle. « De l'altérité à Jakarta », *Géographie et cultures*, n° 93-94, 2, p. 135-150, 2015.
- DI MÉO, Guy. « La géographie culturelle, quelle approche sociale ? », *Annales de géographie*, vol 2-3, n° 660-661, p. 47-66, 2008.
- FLEURY, Antoine et HOUSSAY-HOLZSCHUCH, Myriam. « Pour une géographie sociale des pays émergents », *EchoGéo* [En ligne], 21 | 2012, mis en ligne le 10 octobre 2012,. URL : <http://journals.openedition.org/echogeo/13167> ; consulté le 26 juin 2018.
- FOURNET-GUÉRIN, Catherine et MALLET, Sandra. « Géographie politique des temps urbains », *L'Espace Politique* [En ligne], 30 | 2016-03, mis en ligne le 15 décembre 2016,. URL : <http://journals.openedition.org/espacepolitique/4043>. consulté le 26 juillet 2018.
- FOURNET-GUÉRIN, Catherine. *L'Afrique cosmopolite. Circulations internationales et sociabilités citadines*, Rennes, PUR, 2017.
- GLISSANT, Edouard. *Traité du Tout monde. Poétique IV*, Paris, Gallimard, 1997.
- GOEURY, David. *Les espaces du mérite : enclavement, tourisme et mondialisation. Les cas de Ahansal (Haut Atlas central, Maroc) et du Zanskar (Himalaya, Inde)*, thèse de géographie, Université Paris-Sorbonne, 2011.
- GUINARD, Pauline. *Johannesburg. L'art d'inventer une ville*, Rennes, PUR, 2014.
- HALL, Stuart. *Identités et cultures. Politiques des cultural studies*, Paris, éditions Amsterdam, édition établie par Maxime Cervulle, 2007.
- HANCOCK, Claire. « La géographie postcoloniale. 'L'empire contre-attaque' », in J.-F. Staszak *et al.* (eds), *Géographies anglo-saxonnes*. Paris, Belin, p. 95-98, 2001.
- HANCOCK, Claire. « Post-coloniale (géographie) », in Lévy Jacques et Lussault Michel (dir.), *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*, p. 732, 2003.
- HANCOCK, Claire. « Délivrez nous de l'exotisme : quelques réflexions sur des impensés de la recherche géographique sur les Suds (et les Nord) », *Autrepart*, n° 41 : "On dirait le Sud", p. 69-82, 2007.



- LACOSTE, Yves. *La question postcoloniale : une analyse géopolitique*, Paris Fayard, 2010.
- LANDY, F et MOREAU, S. "Le droit au village" *justice spatiale | spatial justice*, <http://www.jssj.org/issue/janvier-2015-editorial/>, consulté le : 07 jan. 2015.
- LANNE, Jean-Baptiste. *Des vies en veille : géographies abandonnées des acteurs quotidiens de la sécurité à Nairobi*, thèse de doctorat en géographie, Université de Bordeaux Montaigne, 2018.
- LEBLOND, Nelly. *Habiter des espaces investis et des espaces gris : une géographie de la constellation agropolitique à l'œuvre au Nord du Mozambique*, thèse de doctorat en géographie, Université de Montpellier, 2017.
- LOUISET, Odette et RETAILLÉ, Denis. « Après le post-colonial : décoloniser la géographie », appel à communications pour un colloque, <https://www.histoiredroitcolonies.fr/?Apres-le-post-colonial-decoloniser>.
- MADAVAN, Delon. *Les minorités tamoules à Colombo, Kuala Lumpur et Singapour : minorités, intégrations socio-spatiales et transnationalités*, thèse de doctorat en géographie, Université Paris-Sorbonne, 2013.
- MARCEL, Olivier. *Des horizons à la trace. Géographie des mobilités de l'art à Nairobi*, thèse de doctorat en géographie, Université de Bordeaux, 2014.
- MARIUS, Kamala. *les inégalités de genre en Inde, regards au prisme des études féministes postcoloniales*, Paris, Karthala, 2016.
- MEUNIER, Dominique, LAMBOTTE, François et CHOUKAH, Sarah. « Du bricolage au rhizome : comment rendre compte de l'hétérogénéité de la pratique de recherche scientifique en sciences sociales ? », *Questions de communication [En ligne]*, 23 | 2013, URL : <http://journals.openedition.org/questionsdecommunication/8480>. mis en ligne le 31 août 2015, consulté le 16 octobre 2019.
- MORELLE, Marie. « La prison centrale de Yaoundé : l'espace au cœur d'un dispositif de pouvoir », *Annales de géographie*, vol. 691, n° 3, p. 332-356. 2013.
- OLOUKOÏ, Chrystel et GUINARD, Pauline. « La nuit à Maboneng (Johannesburg, Afrique du Sud) : un front urbain entre sécurisation, marchandisation et contestation », *L'espace politique*, n° 30, 3, 2016.
- PEYVEL, Emmanuelle. *L'Émergence du tourisme domestique au Viêt Nam : lieux, pratiques et imaginaires*, Thèse de doctorat en géographie, Université de Nice-Sophia Antipolis, 2009.
- PEYVEL, Emmanuelle. *L'invitation au voyage, Géographie postcoloniale du tourisme au Viêt Nam*, Lyon, ENS éditions, coll. De l'Orient à l'Occident, 2016.



RAISON, Jean-Pierre. « Les thèses sur l’Afrique tropicale : fleuron de la géographie française ou domaine en crise larvée ? », in Knafou R., *L’état de la géographie, autoscopie d’une science*, Paris, Belin, p. 196-206, 1997.

ROBINSON, Jennifer. *Ordinary Cities: between modernity and development*, London, New York, Routledge, 2006.

RIPOLL, Fabrice. « Peut-on ne pas être postcolonial ?... surtout quand on est géographe », *EspaceTemps.net*, (<http://www.espacetemps.net>), Mensuelles, 23.12.2006.

ROUAÏ, Nashidil. *Ciné-géographie hongkongaise. Le Hong Kong cinématographique, outil du soft power chinois*, thèse de doctorat en géographie, Université Paris-Sorbonne, 2016.

SAÏD, Edward W. *L’orientalisme. L’Orient créé par l’Occident*, Paris, Seuil, 2003 [1978].

SHARP, Joanne P. *Geographies of Postcolonialism*, Sage, 2009.

SMOUTS, Marie-Claire. *La situation postcoloniale. Les postcolonial studies dans le débat français*, Paris, Presses de Sciences Po, 2007.

STASZAK, Jean-François. *Géographies de Gauguin*, Paris, Belin, 2003.

ZOSSOU, Liliane. « Chercheur du Sud, sujet du Nord : témoignage », *Autrepart*, vol 1, n° 41, p. 239-246, 2007.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

FOURNET-GUERIN, Catherine. Podemos falar de geografias "pós-coloniais" na França a propósito da geografia dos chamados países do Sul?. Trad. Eduardo Karol e Mariane Biteti. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 20, n. 1, p. 235-255, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2024.78558>. Acesso em: DD MM. AAAA.